



## **E NÃO SOU EU UMA MULHER? VOZES QUE ECOAM: AÇÕES E LUTAS SOCIAIS DAS MULHERES NEGRAS DO QUILOMBO SANTA ROSA- PB**

**ALYNE CRISTIANE SILVA ARAÚJO<sup>1</sup>**

Licenciatura em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba, e mestranda pela mesma instituição.

E-mail: [alyne.araujo1604@gmail.com](mailto:alyne.araujo1604@gmail.com)

**PATRICIA CRISTINA DE ARAGÃO<sup>2</sup>**

Universidade Estadual da Paraíba, Campus I – Campina Grande-PB. Doutora em Educação, docente do Programa de Pós-Graduação de Serviço Social

E-mail: [patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br](mailto:patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br)

### **RESUMO**

Este artigo busca abordar sobre o lugar da mulher negra quilombola na sociedade brasileira a partir da realidade local. No sentido de perceber de que forma elas ocupam os espaços dentro e fora do território quilombola e qual seus maiores desafios. O objetivo deste artigo é refletir sobre as ações e lutas das mulheres negras da comunidade quilombola de Santa Rosa – PB. Nossa proposta é buscar discutir sobre os lugares das mulheres negras no contexto das lutas dentro e fora dos quilombos e suas ações como importantes práticas sociais e políticas pelo território. Trata-se do início de pesquisa de mestrado na área de Serviço social que está em andamento, trazendo uma reflexão bibliográfica sobre o tema proposto, a luz das teorias de Ribeiro (2017), Akotirene (2018), Hooks (2019) entre outras autoras/es aqui citado. Problematicar a invisibilidade da mulher negra e suas estratégias de sobrevivência torna-se de fundamental importância em um país que mais mata e nega a mulher preta visibilidade e mobilidade social, principalmente nos espaços políticos, culturais e sociais. Um debate importantíssimo na área de serviço social que tem o papel de identificar, enfrentar e promover bem estar e justiça social dessa mulher na sociedade.

**Palavras-chave:** Mulher negra, quilombola, estratégias, serviço social.

### **ABSTRACT**

This article seeks to address the place of black quilombola women in Brazilian society based on local reality. In order to understand how they occupy spaces inside and outside the quilombola territory and what their biggest challenges are. The objective of this article is to reflect on the actions and struggles of black women from the quilombola community of Santa Rosa – PB. Our proposal is to seek to discuss the places of black women in the context of struggles inside and outside quilombos and their actions as important social and political practices for the territory. This is the beginning of master's research in the area of Social Service that is ongoing, bringing a bibliographical reflection on the proposed topic, in light of the theories of Ribeiro (2017), Akotirene (2018), Hooks (2019) among other authors /is cited here. Problematizing the invisibility of black women and their survival strategies becomes of fundamental importance in a country that kills the most and denies black women visibility and social mobility, especially in political, cultural and social spaces. A very important debate in the area of social services that has the role of identifying, confronting and promoting the well-being and social justice of women in society..

**Key-words:** Black woman, quilombola, strategies, social service.

---

<sup>1</sup> Graduada em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Mestranda em Serviço social (PPGSS) pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [alyne.araujo1604@gmail.com](mailto:alyne.araujo1604@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual da Paraíba, Campus I – Campina Grande-PB. Doutora em Educação, docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. E-mail: [patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br](mailto:patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br)





## INTRODUÇÃO

As comunidades remanescentes quilombola estão em todo território nacional. Elas datam desde o período colonial como caminho em relação a escravização de africanos/as sequestrados/as de sua terra, esses espaços tornaram-se expressão da luta e resistência do povo negro. Atualmente essas comunidades e seus/suas moradores/as, além de descendentes são também herdeiros/as de um valioso legado, cultural, histórico e de experiência social de vivência coletiva. Eles são guardiões/ãs de uma diversidade étnica de vasta riqueza cultural em que o território consiste em lugar de memória, trajetórias de luta e resistência.

Nesta perspectiva as mulheres negras dos quilombos são participes nesta herança cultural de tão significativa importância. Na Paraíba, as comunidades quilombolas tem lutado na manutenção do território e das tradições. Neste sentido o quilombo Santa Rosa na cidade Boa Vista- PB, apresenta-se como um território de viver, de luta e resistência em torno das demandas sociais existentes naquela localidade. O objetivo deste artigo é refletir sobre as ações e lutas das mulheres negras da comunidade quilombola de Santa Rosa – PB. Nossa proposta é buscar discutir sobre os lugares das mulheres negras no contexto das lutas dentro e fora dos quilombos e suas ações como importantes práticas sociais e políticas pelo território.

É importante ressaltar que no que se refere a trajetória das mulheres negras, mesmo que a condição de escravizada que inicialmente, demarcou seu lugar na sociedade brasileira, estas buscaram na luta e resistência, ressignificar suas ações e práticas pela sobrevivência social e política de seu povo. Enfatizamos que as comunidades de quilombo foram durante muito tempo um lugar social de apagamento e subalternização, condição essa nunca aceita sem luta por esses povos. Dentro dessa estrutura de apagamento e vulnerabilidade as mulheres negras quilombolas lutam por seus direitos sociais, econômicos e de cidadania.

Nesse sentido a população brasileira é marcada pelo racismo estrutural e patriarcal, dessa forma as mulheres dentro do contexto político e social são excluídas de seus direitos. E nesta realidade as mulheres negras se encontram em um espaço periférico de invisibilidade e violência fazendo com que sejam os corpos que mais morrem dentro da nossa sociedade, representando 62% dos casos de feminicídio em nosso país<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O GLOBO. Mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, aponta Anistia Internacional. Por Bom Dia Brasil, em 28/03/2023 08h56, disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/03/28/mulheres-negras-representam-62percent-das-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional.ghtml> Acesso em: 29 set. 2023.



Com o avanço das teorias feministas e de gênero passamos a ter um contato maior com a atuação das mulheres na luta por seus direitos, e essa diversidade de subjetividades e de contextos sociais, traz a luz a necessária compreensão de que as mulheres negras quilombolas partem de lugares diferentes com realidades desiguais. Pensar a atuação das mulheres quilombolas dentro dessa história de exclusão, luta e resistência torna-se fundamental para compreendermos como elas promovem mudanças dentro dos seus territórios a partir de um lugar de invisibilidade.

Tornando-se assim um debate importante dentro do meio acadêmico e do Serviço Social compreender como foi construído nas comunidades quilombolas as estratégias de luta e sobrevivência das mulheres negras, e como essa exclusão impulsionou essas mulheres a protagonizar e garantir o seu território. Assim viabilizando ao assistente social uma atuação mais eficaz nas demandas das políticas públicas levando em consideração as particularidades das mulheres negras quilombolas de sua localidade. Que acontece normalmente com a intenção de se deslocarem da condição de subalternidade, de racismo e de opressão. que foram construídos em diversos momentos e em todo território nacional, necessitando um olhar interseccional das relações sociais e de gênero.

Essa tessitura do dia a dia das mulheres negras quilombolas faz com que vivam em constante movimento de luta, onde demandam tempo, sabedoria, conhecimento e estratégias coletiva e transgressora como forma de romper o projeto colonial que existe na trama da construção desse país. É nesse contexto que as mulheres negras do quilombo de Santa Rosa estão inseridas, seu lugar de vulnerabilidade marca em suas memórias, corpos, sentidos, material e imaterial presente em sua comunidade a realidade que as impulsionam pra luta.

Assim diante desse espaço de exclusão que existe dessas comunidades quilombolas no Brasil, despertou o interesse de compreender em suas realidades. Quais as estratégias de luta utilizadas pelas mulheres negras da comunidade quilombola de Santa Rosa em Boa Vista-PB para diminuir as injustiças sociais e garantir seus direitos dentro dos espaços políticos, culturais e sociais.

As lutas das mulheres não pertencem a um lugar, mas a um conjunto de coletivos que ganham visibilidade, e a posição que cada grupo ocupa perpassa as questões de gênero, raça, classe e sexualidade demarcando as formas como cada uma constrói suas identidades levando em consideração como ela se apresenta dentro da comunidade e das instituições públicas.

Pode-se propor a princípio as respostas primeiras que é uma forma específica de as mulheres negras buscarem na coletividade uma melhor atuação as questões burocráticas dentro dos espaços públicos e político. Já que essas questões muitas vezes acabam dificultando o processo de conseguir com agilidade meios que garantam suprir suas necessidades. Segunda seria a definição de suas identidades como grupos, consolidando sua existência do mesmo



modo que impõem seu reconhecimento ao passo que dialoga com as instituições, para produzir e viver em sociedade. Já que é através desses laços que desempenham a função de reprodução dos saberes, modos de viver, fazer e criar do quilombo. Em busca de responder essa problemática a metodologia Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que tem por base um estudo reflexivo sobre as mulheres de quilombo, a partir de uma pesquisa de mestrado em sua fase inicial e em andamento.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nossa proposta é buscar discutir sobre os lugares das mulheres negras no contexto das lutas dentro e fora dos quilombos e suas ações como importantes práticas sociais e políticas pelo território, conhecer as estratégias de luta utilizadas pelas mulheres negras da comunidade quilombola de Santa Rosa em Boa Vista-PB, para diminuir as injustiças sociais e garantir seus direitos dentro dos espaços políticos, culturais e sociais. Torna-se necessário já que hoje mesmo com o debate sobre os direitos das mulheres e de suas particularidades através das teorias feministas e de gênero, muito ainda tem que ser feito sobre seus modos de vida e de como significam o mundo. As mulheres negras quilombolas traz em seu legado histórico a invisibilidade e a violência, questões que direcionam seus corpos a lutar pela mudança dessa condição.

A afirmação que traz o título desse artigo “E não sou eu uma mulher?” da ex-escravizada Sojourner Truth, pronunciada em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres realizado em Akron, Ohio (EUA) pelo sufrágio universal, direciona nosso olhar a potencialidade das mulheres negras em sempre lutar pelo seu lugar no mundo. Causando a inquietação sobre como realidades diferentes invisibiliza corpos femininos deixando subalternizados quando suas realidades não são consideradas como possíveis.

Indo para o ponto de partida do lugar de fala dessas mulheres, conseguiremos entender como suas vivências direcionou para esse lugar de luta e como se deu o processo da conquista de seu lugar no mundo, Djamilia Ribeiro (2017, p.43) em sua obra O que é: lugar de fala? aponta como as nossas falas está subjetivada ao lugar de pertença, a forma de lutar pela vida, pelos direitos econômicos e pelo meio ambiente. “*Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias.*”

Para Ribeiro (2017) entender de onde e em que contexto essas vozes ecoam é de fundamental importância na compreensão da formulação que estruturam os pensamentos e como atuam as desigualdades através do racismo e sexismo gerando ainda mais pobreza e vulnerabilidade. Só em uma perspectiva interseccional para entender essa vulnerabilidade que permeia os





espaços de poder nas estruturas sociais. Segundo Akotirene (2018) essa perspectiva é capaz de instrumentaliza nosso olhar.

a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. (AKOTIRENE, 2018, p.37)

Para a autora é nessa estrutura de opressão onde se cruza racismo e sexismo que permeia a vulnerabilidade, exclusão e violência direcionados as mulheres negras gerando insegurança. Ainda hoje os territórios quilombolas sofrem com a expropriação e aniquilação de seus modos de vida, saberes ambientais e do uso da terra, segundo Foucault (1999, apud LEITE, 2010),

a violência não é uma invariante ou um objeto natural, mas uma espécie de significante sempre aberto para receber novos significados. Daí por que, para falar em violência é preciso, antes de tudo, contextualizar, produzir referências, descrever percursos e experiências que foram guardadas nas memórias orais dos grupos, expor fatos que não se encontram nos documentos escritos, no mundo dos papéis, em cartórios ou em bibliotecas. (LEITE, 2010, p. 18).

Assim, para o autor a violência é algo que parte ao sentido que a ela é atribuído, e que só através do resgate oral é que torna possível uma melhor compreensão através da contextualização dos fatos e na relação simbólica e identitária com seu território, ele é parte inseparável da identidade, sendo construído dentro da memória coletiva, estar presente na história ancestral repassada dentro do seio familiar, e são as mulheres negras que mais sofrem com o impacto dessas violências já que desempenham a função da reprodução e manutenção dos saberes e fazeres dentro do quilombo.

A partir dessas realidades pensar os conceitos de gêneros e como ele se apresenta na sociedade para explicar a causa da invisibilidade e violência direcionados as mulheres negras, já que não se apresenta de forma democrática, pois se intensificam quando colocamos o fator discriminatório baseado além dos papéis de gênero, classe social, idade, raça, cor, etnia e deficiências. É o que Neiva Furlin (2014, p.114) nos leva à compreensão que "as questões de gênero são diferentes não apenas entre as sociedades, ou em distintos momentos históricos, mas também no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos que a constituem".





Pensar essas subjetividades tornam-se necessário se levarmos em consideração as demandas específicas de cada grupo e de que local eles emergem já que nossas subjetividades foram construídas a luz das ideias do colonizador, como nos diz Quijano.

Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial. Assim, cada forma de controle do trabalho esteve articulada com uma raça particular. Consequentemente, o controle de uma forma específica de trabalho podia ser ao mesmo tempo um controle de um grupo específico de gente dominada. Uma nova tecnologia de dominação/exploração, neste caso raça/trabalho, articulou-se de maneira que aparecesse como naturalmente associada, o que, até o momento, tem sido excepcionalmente bem-sucedido. (QUIJANO 2005, p. 119)

Soares (2014, p 523) enfatiza que: "Precisamos olhar para essa história pelos olhos dos sujeitos que transgrediram uma condição de não ser; que lutaram e ousaram, a partir das suas humanidades, e rebelaram-se contra a colonialidade do saber e do poder". Para a autora só é possível quando os sujeitos conseguem ressignificar suas existências usando de suas próprias narrativas como marcador de seus lugares, através de suas memórias e histórias como instrumento de luta.

E não sou eu uma mulher? Entender essas barreiras que fazem com que mulheres negras sejam tratadas de forma que as desumanizem e/ou tire direitos de ter suas necessidades valorizadas como um possível dentro do universo feminino é o que temos de desvelar. Esses são gritos que ecoam resistindo pois não basta ser apenas negra e negro, precisa uma dose revolucionária buscando a descolonização dos pensamentos e se amar aceitando as características que fomos alienados a odiar, como nos diz Beel Hooks (2019, p 53-54)

coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras.

É nessa vivencia coletiva no amor e cuidado com os seus, com o território e com sua história que as mulheres negras buscam todos os dias ecoar seus gritos revolucionários através da luta, da resistência e coletividade, o seu lugar no mundo.





## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que tem por base um estudo reflexivo sobre as mulheres de quilombo, a partir de uma pesquisa de mestrado em sua fase inicial e em andamento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Trata-se de um artigo que se origina de uma pesquisa de mestrado, que está em seu início. Onde ainda estará sendo feito um aprofundamento metodológica, de discussão historiográfica, e literaria sobre a tematica. Aqui apresento apenas as perspectivas e considerações sobre as mulheres negras e quilombolas a partir de leituras iniciais sobre o tema, já que historicamente foi relegado a essas mulheres o lugar de invisibilidade, violência e apagamento, social e historicamente de suas vidas.

Trazer luz ao debate sobre a história das mulheres negras quilombolas, é resgatar a resistencia, afirmar seus direitos e inaltecer suas suas lutas. A importancia do cuidado com o territorio, a reprodução dos saberes na força da vivencia coletiva e no seu papel de manter e reproduzir a resistencia dentro do quilombo. É a essas mulheres negras que devemos da voz para buscar uma nova lente para ver o mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aqui de forma inicial para uma consideração a nossa proposta sobre o lugar das mulheres negras quilombolas em seu contexto de luta, podemos resgatar através de fala e posicionamentos para revelar as injustiças, ao discutir sobre os lugares das mulheres negras no contexto das lutas dentro e fora dos quilombos suas dificuldades e invisibilidades partem de realidades desiguais que se interseccionam através o racismo, sexismo, classe social entre outras formas de opreção, em que a violencia não está apenas no espaço fisico dos corpos, mas na tentativa de apagar suas histórias, memorias e relação com seu território. Entender que os mecanismos de controle se apresenta no tempo e espaço de forma diferente e que devemos está atentos em como construímos nossas ideias, principalmente em uma estrutura colonizadora do pensamento. Olhar para os que não aceitaram a condição de não existencia, revelando suas subjetividades através de seus modos de vida trazendo sua propria narrativa histórica como instrumento de luta, vivencia coletiva no amor e cuidado com os seus, com o território ecoam suas vozes de resistência. Ações importantes nas práticas sociais e políticas pelo território, Um debate importantíssimo na área de serviço social que tem o papel de identificar, enfrentar e promover bem estar e justiça social dessa mulher na sociedade.





## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2018. (Coleção Feminismos plurais).

FURLIN, Neiva. **A CATEGORIA DE GÊNERO E O SEU ESTATUTO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**. SOCIAIS E HUMANAS, SANTA MARIA, v. 27, n. 02, mai/ago, p. 110 – 127, 2014.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, Rio de Janeiro, n. 1, p. 12-20, 2011.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. p. 38 -55. ISBN 978-85-93115-21-9

LEITE, Ilka Boaventura. **Humanidades Insurgentes: Conflitos E Criminalização Dos Quilombos**, Cf. NUER - Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas –UFSC - PROJETO DOSSIÊ DOS CONFLITOS. Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos Vol. 01, nº. 02. UEA Edições, p.18- 41, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?/ Djamila Ribeiro**. -- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017. 112 p.; 15,9 cm. (**Feminismos Plurais**).

SOARES, M. R. P. **Territórios insurgentes: a tecitura das lutas e das resistências de mulheres quilombolas**. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79280> R. Katál., Florianópolis, v.24, n. 3, p. 522-531, set./dez. 2021 ISSN 1982-0259

VEIGA, Ana Maria. **Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0101, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0101>.

